

SECA / Adasa recomenda prudência no uso dos recursos hídricos provenientes da Bacia do Ribeirão Pípiripau durante os meses de estiagem. A previsão é que, em agosto e setembro, a vazão da região hidrográfica fique abaixo dos índices mínimos

Medidas para garantir água

Monique Renne/CB/D.A Press



Francisco produz hortaliças e legumes em sua propriedade: rodízio para evitar prejuízos

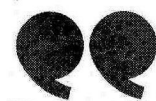
» ARIADNE SAKKIS

O acompanhamento do nível e da vazão na Bacia do Ribeirão Pípiripau, no Nordeste do Distrito Federal, prevê situação de alerta para o abastecimento nos meses de agosto e setembro, considerados os mais secos do ano. Isso significa que se forem atingidos níveis críticos, pode ser necessário adotar medidas de controle e racionamento da água que abastece parte de Planaltina e de Sobradinho. Para evitar conflitos entre moradores da região, a Agência Reguladora de Água, Energia e Saneamento Básico (Adasa) recomenda racionalidade no uso dos recursos durante a estiagem.

Os dados coletados em junho por técnicos da agência e da Companhia de Saneamento Ambiental do DF (Caesb) demonstram que o volume esteve

em 846 litros por segundo na estação Frinocap, referência para o monitoramento da bacia. O valor ainda está acima do parâmetro mínimo de 375 l/s estabelecido pela Comissão de Acompanhamento. Entretanto, o prognóstico para agosto reduz o índice para 526 l/s e estipula níveis ainda mais críticos para setembro, que pode registrar número inferior ao mínimo e ficar em 332 l/s.

De acordo com coordenador de outorgas da Adasa, Vítor Guimarães Marques, a situação do Pípiripau continuará a ser monitorada e, caso as previsões se concretizem, será necessário tomar medidas para controlar a escassez. "Temos de distribuir os prejuízos entre todos e regular os horários e quantidades permitidas para a captação", explica. A bacia é o berço de um dos polos rurais mais importantes do DF e abriga 400 pequenos,



Temos de distribuir os prejuízos entre todos e regular os horários e quantidades permitidas para a captação"

Vítor Guimarães Marques,
coordenador de outorgas da Adasa

médios e grandes produtores. As propriedades consomem em média 680 l/s.

Além disso, a Caesb retira água do ribeirão para abastecimento humano no ritmo de 400 l/s. A companhia, porém, não trabalha com a hipótese de racionamento. Por meio de nota, explicou que "o sistema de abastecimento é interligado com outras de fontes de captação e sempre, no período de seca, é feita uma racionalização na distribuição entre os produtores rurais".

Pressão

O crescimento urbano na região pressiona a capacidade de abastecimento de recursos hídricos. É assim que pensa o produtor de grama Darvílio Uebel, 60 anos, 22 deles passados na cabeceira do Pípiripau. "Quando não havia tanta gente, não precisávamos racionar tanto. Quanto mais

a cidade crescer, pior vai ser para nós", diz. Atualmente, ele faz a captação durante à noite, período de pouca demanda na área, e armazena a água para utilizar na irrigação no dia seguinte. "Se eu não fizer a minha parte, lá embaixo falta", diz.

O Núcleo Rural Santos Dumont é um dos que ficam na região mais baixa da bacia e estão mais ameaçados de receber poucos recursos durante a seca. Francisco Pereira da Silva, 73 anos, planta hortaliças e legumes na propriedade de 10,5 hectares. Segundo ele, não chega a faltar água nesta época, mas a situação melhorou muito depois que os produtores passaram a fazer o rodízio nos horários de captação. "Muita gente faz o que quer, mas acho que a maioria se reveza para ninguém ficar no prejuízo", diz.

Colaborou Mara Puljiz